ANO 20.º QUINTA-FEIRA, 28 DE NOVEMBRO DE 1940 N.º 6474

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Os refugiados que partiram, a bordo do «Niassa», enviaram um radiograma ao sr. Presidente do Conselho, em que lhe agradecem a liberal hospitalidade com que foram acolhidos entre nós.

—A lembrança da reconfortante bondade do povo português a seu respeito ficou gravada para sempre no seu coração.

Merecem relevo estas palavras que confirmam o testemunho autorizado de Jacques de Lacretelle que declarou ter encontrado em Portugal o que parece haver desaparecido de quasi toda a Europa—a simpatia pelos que sofrem.

Se nós como comerciantes nem sempre defendemos os nossos interesses, quando se trata de estender mão fraterna ás vitimas da desventura, procuramos não ficar atrás dos melhores.

Nunca seremos espantosamente ricos, mas temos ao menos um prazer que ninguem nos contestará—o prazer de abrir as nossas portas aos que vêm de longe, depois de perdidas a sua patria e o seu lar.

■

A «Mocidade Portuguesa» vai instalar-se, no Palacio da Independencia, a partir do 1.º de dezembro. Portugal é uma torre acastelada para os velhos e uma escada nobre para os novos. Os primeiros recebem os que chegam, dizendo-lhes:

—Recebei uma preciosa herança granjeada com o sangue e o valor dos bravos!

Os segundos inclinam-se e respondem:

—Cumpriremos o nosso dever como está escrito:

—Esta é a ditosa Patria minha amada...

■

Pierre Goemare, na conferencia, interessantissima sob todos os aspectos, que ontem fez no Teatro Nacional de D. Maria II, afirmou que, entre todas as exposições que tem visitado, em Paris, Bruxelas e Zurich, a do Mundo Português lhe pareceu estranha a qualquer cosmopolitismo.

—A Exposição, por assim dizer, é mais portuguesa que a propria cidade. Transpostas as suas portas, é no proprio coração do País que penetramos.

Geralmente as exposições tendem a converter-se em feiras, em grandes mostruarios. Entre o Tejo e os Jeronimos, a nossa situou-se, além de todo o mercantilismo. Como evocação do passado— prece e oferenda ás virtudes heroicas da raça—representa uma purificação, uma piedosa genuflexão perante a Fé e o Imperio.

Quantos, como Iago, trazem consigo um saco para guardarem sequins de ouro, apanhados com pouco escrupulo, poderão murmurar:

—Ganha dinheiro, seja como fôr!

Portugal nunca amou a riqueza, com sordida ambição. Serviu sempre alguma cousa de superior e de imaterial. Ganhava, gastava, dilapidava, mas redimia-se das suas faltas e loucuras construindo monumentos e praticando actos magnanimos.

■

E. du Vivier de Streel publicou, na «Revue des deux Mondes», um notavel artigo de que tiramos o seguinte:

—No plano politico, forçoso nos é reconhecer que as tentativas de equilibrio europeu determinaram a maior parte das guerras que ensanguentaram a Europa, desde os fins do seculo XVI, sendo, portanto, necessario renunciar a tal intento. Não podemos, na hora presente, considerar a Europa como distinta do resto do mundo.

Entre vizinhos que se tocam muito de perto, as contendas. são frequentes, sobretudo se disputam acêrca de heranças ou confrontações de propriedades. Se um dia elevam o solhos acima das suas mesquinhas querelas, sentem que, depois dum horizonte, ha outro ainda maior. Breve passam a construir a sua vida num sentido mais humano e largo.

Um combate ao sul da Sardenha

entre forças navais inglesas e italianas

GRANDE QUARTEL GENERAL DAS FORÇAS ARMADAS ITALIANAS, 28. —O comunicado n.º 174 diz: «Na tarde de ontem, uma das nossas formações navais, em cruzeiro ao sul de Sardena, entrou em contacto com uma esquadra inglesa proveniente de oeste e formada por alguns navios de batalha, um navio porta-aviões e numerosos cruzadores. As nossas unidades travaram combate e atingiram, seguramente, um cruzador do tipo «Kent» que ficou danificado e um do tipo «Birmingham». Um projectil inimigo atingiu o cruzador «Fiume», mas não explodiu. O nosso contratorpedeiro «Lanciere» foi atingido de maneira grave e rebocado até á base. A artilharia contra-aerea das nossas unidades abateu dois aviões inimigos.

Emquanto a esquadra inimiga se afastava rapidamente para sueste, foi alcançada, a cêrca de 200 quilometros da Sardenha, por algumas das nossas formações de bombardeamento «S. 79», escoltadas pela nossa «caça». Um navio porta-aviões, um navio de batalha e um cruzador, foram atingidos por bombas de grande potencia. Reconhecimento aereo sucessivo, controlou que o navio de batalha tinha parado, tendo incendio a bordo.

Durante encarniçados combates aereos entre os nossos «caçadores» e a «caça» inimiga que tinha deslocado do navio porta-aviões, foram abatidos 5 aviões inimigos. Um dos nossos aviões de «caça» «SR-42» e um avião de reconhecimento não regressaram ás suas bases.

No Mar Vermelho, na manhã de 26 do corrente, o nosso submarino «Galileo Ferraris» lançou três torpedos contra navios dum «comboio», fortemente escoltados. Os três navios foram atingidos em cheio e afundaram-se».— (R. R.).

A informação britanica

LONDRES, 28—Foi recebida a noticia de que forças navais britanicas entraram em contacto no Mediterraneo, pouco antes do meio-dia de ontem, com uma esquadra italiana composta de dois couraçados, acompanhados por grande numero de cruzadores e contratorpedeiros. Logo que se aperceberam da aproximação da esquadra britanica, os italianos mudaram de rumo e retiraram a toda a velocidade em direcção á base. Os navios britanicos perseguiram-nos e sabe-se que travaram luta a grande distancia. Por agora não ha mais informações a este respeito, mas logo que tal seja possivel, serão fornecidos todos os pormenores da acção.—(E. T.).

Um desmentido italiano

ROMA, 28 — Comunica-se de fonte oficiosa:—«A «Radio Londres» informou que no Oceano Indico uma formação britanica atacou navios italianos, afundando um navio porta-aviões e danificando, gravemente, duas outras unidades. Tal noticia é inventada em todos os pormenores, visto que nenhum recontro se deu no Oceano Indico. E' verdade que os navios britanicos tentaram aproximar-se das costas do nosso Imperio, mas foram postos em fuga pela nossa aviação».—(R. R.).

A guerra no ar

Os bombardeamentos da R. A. F.

LONDRES, 28.—Formações aereas de bombardeamento britanicas dirigiram com exito os seus ataques durante a noite de ontem para hoje sobre os objectivos militares em Colonia e nos portos do Havre, Boulogne e Antuerpia, que foram vigorosamente bombardeados.—(Exchange Telegraph).

Os ataques á Inglaterra

LONDRES, 28.—Comunicado do Ministerio da Aeronautica:—«A actividade da aviação inimiga durante a noite passada limitou-se quasi inteiramente a ataques contra uma cidade do sudoeste da Inglaterra e de Londres e seus suburbios. O ataque sôbre a cidade do sudoeste da Inglaterra começou pouco depois do cair da noite e durou até cerca das 2 e 30 de hoje. Os ataques sôbre a região londrina foram realizados de forma intermitente durante toda a noite mas sem que qualquer momento determinado atingissem grande violencia. Em qualquer das zonas referidas sofreram danos casas de habitação e armazens,

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

FATAL SENDA

Em todos nós, ha uma parte de anjo e uma parte de demonio: colocados entre o bem e o mal, traimos frequentemente a nossa consciencia, sem que de tal se deduza que amamos a traição. Somos fracos e ainda por cima ambiciosos. Tudo nos tenta, nos atrai e nos seduz, cedendo a um prazer aparente que temos de pagar a duro preço.

A guerra, por exemplo, encerra a visão satanica do triunfo. O homem sente que existe nela uma liberação: esmagar um inimigo poderoso exalta o orgulho e a crueldade lubrica que se sacia, matando, destruindo e vencendo.

Será possivel suprimir a guerra, condenando-a e algemando-a, como se faz a um monstro ou a um facinora?

Amaldiçoá-la não é o mesmo que votá-la ao exterminio. As armas não se inventaram por um capricho. Desde a prehistoria, a humanidade anda empenhada em lutas feroses que engendram novos odios e novas vinganças implacaveis.

Donde vem ela a sinistra ceifeira de vidas?
Em que ventre nasceu?

Que impavido furor nos sacode em certas horas e nos impele alucinadamente, como se a morte fosse o supremo desejo e a mais bela volupia?

Teremos nós de voltar a Nietzsche e á insensibilidade extra-humana de Zarathustra, quando recomendava que evitassemos as lagrimas e o deliquio humilhante que nos causam?

Cain decidiu ser impiedoso: assassinou o irmão que era puro e perfeito, diante de Deus.

Conquistou um poder maior, rompendo os laços de sangue?

Cain largou a fugir do seu crime, mas nunca mais achou sossêgo. A sombra de Abel perseguia-o. Via-o em toda a parte, nas suas vigilias e nos seus pesados sonos.

—Porque me persegues, espectro errante, que segues os meus passos, tomando o lugar da minha propria sombra?

Nunca obteve uma resposta. O crime de Cain estava dentro dele— em todo o seu ser, na sua respiração e na sua ansia nomada de caminheiro. Arrancá-lo do seu coração, impossivel. Agarrava-se a ele como a pele ao corpo.

Com a guerra, dá-se o mesmo: é filha dos nossos negros terrores, dos nossos instintos, vergontea enraizada no inconsciente. Erguem-se clamores contra ela, denunciando-a como oriunda das entranhas do pecado. Apesar disso, não a arredamos nem lhe diminuimos o tamanho das garras. Qual remorso de Cain, percorre a terra toda e em toda ela descobre altares em sua honra. Nós somos seres livres, mas a liberdade é uma faca de dois gumes que nos corta, emquanto nós supômos desembaraçar-nos das cadeias que nos prendem.

Porque não permanecemos fieis ao bem contra o mal?

A cada passo, desobedecemos áquele e preferimos este. Não é só a razão que nos governa, a carne e o apetite tambem. O anjo que habita em nós oculta a face sob as brancas asas. O demonio, o outro inquilino instalado no barro de que fomos feitos, rejubila e pula de contente.

E' ele, porventura, um verdadeiro bravo?

Serve-se das nossas cubiças e fatais ilusões para nos sepultar nas imensas tragedias. Para ele, o essencial não é ser heroi, mas sim mestre de farsas. A guerra considera-a ele o seu espectaculo predilecto: delicia-se, vendo o homem, obra-prima da Criação, possuido de coleras leoninas.

Que sarcasmos não concebe!

Quando se fundou a Sociedade das Nações, pensou consigo:

—Santa simplicidade!

E riu, como só ele sabe rir—com frieza alvar e cinica.

Os acontecimentos não o desenganaram, visto que a Sociedade das Nações começou a produzir a paz tão vagarosamente que se embaraçou nos fios com que a havia de tecer.

Nova teia de Penélope?

Pior do que isso, pois prestes compreendeu que Ulisses não regressaria a Itaca. Não obstante, continuou a enredar fios uns nos outros, sem maneira de os destorcer.